

PRESTÍGIO DA FACULDADE E SUCESSO PROFISSIONAL DO ECONOMISTA NO BRASIL

CARLOS ROBERTO AZZONI *
MATEUS MACHADO GODINHO †

Resumo

Com base em questionários respondidos por 633 economistas filiados ao Corecon-SP, buscamos verificar a influência do prestígio da faculdade cursada na carreira dos economistas. Foram considerados o nível salarial e a posição hierárquica do cargo em três momentos da carreira: obtenção do primeiro emprego, a evolução ao longo da carreira e a situação no momento da pesquisa (2013). As conclusões indicam que o prestígio da faculdade impacta positivamente a entrada no mercado de trabalho, nas três dimensões abordadas, mas que essa influência diminui ao longo da carreira. Dimensão igualmente importante é a qualidade do aluno ao longo do curso, variável que representa características pessoais que podem influenciar no sucesso da carreira. Verificou-se também que as faculdades públicas, em geral, apresentam influência mais positiva do que as privadas.

Palavras-chave: Carreira do economista; prestígio da faculdade; sucesso na carreira; evolução salarial

Abstract

Based on a survey of 633 economists affiliated with the Corecon-SP, we seek to verify if the prestige of the college influences career success, as measured by the wage level and the hierarchical position in three moments: first job, evolution along the career and the situation at the time of the survey (2013). We find that college prestige affects positively on entry into the labor market, but that this influence decreases along the way. An equally important dimension is the quality of the student throughout the course, a variable representing personal characteristics also proved highly influential. Public institutions seem to have larger influence in career success than private schools, which is a well-known characteristic of the Brazilian higher education system.

Keywords: Economist career; career success; college prestige; salary evolution

JEL classification: A10; A11; A14; J24; J44

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/1980-5330/ea142937>

* Departamento de Economia - FEA-USP. E-mail: cazzoni@usp.br

† FGV-EPGE. E-mail: mateus.godinho704@gmail.com

1 Introdução

Vários estudos registram os efeitos positivos da obtenção de grau universitário na renda obtida ao longo da carreira profissional, conforme documenta a literatura nacional (Barros & Grosner 2014, Binelli, Meghir & Menezes-Filho 2008) e internacional (Murnane, Willett & Levy 2014, Card 2001, Murphy & Peltzman 2004, Meghir & Rivkin 2011, Dale & Krueger 2002, 2014, Klein 2021). Valendo essa conclusão para a graduação em geral, resta inquirir sobre o efeito da graduação na carreira de profissões específicas, o que é feito por Neri (2005). O autor mostra que uma pessoa com ensino médio obtém um salário 218% maior em relação a uma pessoa, com iguais características, mas sem qualquer estudo. A obtenção do diploma de graduação em economia eleva essa diferença para 815%; obter o título de mestre ou doutor em economia aumenta a diferença para 1.367%. Esses degraus de rendimento referem-se a economistas como um todo, independentemente de idade, gênero, setor de atividade etc. Principalmente, não diferenciam os economistas com respeito à faculdade onde obtiveram seus diplomas, aspecto que sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa.

A pergunta que fazemos é: faz diferença na carreira dos economistas o prestígio da faculdade cursada? Com base em questionários respondidos por economistas formados, abordamos três momentos da carreira profissional: o primeiro emprego, a evolução ao longo da carreira e a situação na ocasião do levantamento, em 2013. Em cada momento, consideramos dois aspectos: o nível salarial e o grau hierárquico. As conclusões indicam que o prestígio da faculdade impacta positivamente a entrada no mercado de trabalho, nas três dimensões abordadas, mas que essa influência diminui ao longo da carreira. Comparativamente, a influência da faculdade ombreia-se com a importância da qualidade do aluno ao longo do curso, variável que representa características pessoais que podem influenciar no sucesso da carreira. Exercício adicional buscou avaliar a diferença de performance entre egressos de faculdades públicas e privadas, revelando que as primeiras se diferenciam positivamente das segundas. Nas seções seguintes descreve-se a pesquisa realizada e os testes estatísticos feitos.

2 Revisão da literatura

A revisão da literatura disponível indica que é escassa a produção na área de interesse deste trabalho. Há um pequeno número de estudos tentando avaliar o grau de eficiência dos cursos no Brasil, destacando-se entre eles os esforços de Façanha & Marinho (2001), Costa, Souza, Ramos & Silva (2012), Costa, Ramos, Souza & Sampaio (2015), Almeida et al. (2018). A relação da escolha da carreira com a remuneração futura no exercício da profissão é também considerada em alguns deles, como em Casari (2006) e Bartalotti & Menezes-Filho (2007). Porém a influência do prestígio da faculdade no desempenho profissional não tem encontrado interesse na literatura, provavelmente pela escassez de informações que possibilitem tal avaliação.

Há na literatura internacional alguns trabalhos tratando especificamente do impacto de estudar em uma universidade de maior prestígio (ou mais seletiva) sobre os resultados obtidos no mercado de trabalho. Alguns apontam para retorno positivo em termos de salário e cargo (Witteveen & Attewell 2017, Brand & Halaby 2006, Belfield, Britton, Buscha, Dearden, Dickson, Van

Der Erve, Sibieta, Vignoles, Walker & Zhu 2018, Klein 2021), enquanto outros não encontram resultados significativos com relação ao sucesso na carreira (Dale & Krueger 2014, Sullivan, Parsons, Green, Wiggins & Ploubidis 2018). Klein (2021) aproxima-se de nosso enfoque, ao discutir o impacto do prestígio no mercado de trabalho britânico. Entendemos que nosso trabalho colabora para a ampliação dessa literatura ao trazer nova discussão sobre o impacto do prestígio da universidade de economistas brasileiros no mercado de trabalho.

A primeira questão a tratar é o que se considera por sucesso na carreira. Costa (2013) faz uma revisão das várias abordagens sobre a questão e indica que a carreira pode ser definida como a sequência de posições ocupadas durante a vida de uma pessoa, em função não só dos trabalhos, estudos e outras experiências de vida, mas também das suas percepções individuais, atitudes e comportamentos profissionais, que resultam em desenvolvimento de competências para lidar com situações de trabalho de maior complexidade, e em constante transformação. Estas posições são influenciadas e negociadas considerando motivos e aspirações individuais, expectativas e imposições da organização e da sociedade (p. 5). Já sucesso na carreira tem ... várias dimensões, tais como: resultados financeiros, promoções, realização de metas, capacidade crescente de se adaptar e atuar em trabalhos de maior nível de complexidade, identidade com o trabalho, visibilidade no mercado de trabalho ou empregabilidade, equilíbrio vida-trabalho, realização pessoal, sentimento de orgulho e reconhecimento das outras pessoas (p. 7). Segundo o autor, a avaliação externa do sucesso na carreira, também denominada sucesso objetivo na carreira, geralmente é aplicada com variações de medida da renda e da posição hierárquica atingida (p. 7). Essa é a perspectiva utilizada neste trabalho, já que consideramos os níveis salariais e a posição hierárquica de cada pessoa, em relação ao grupo de pessoas com igual formação. Ademais, incluímos a facilidade de obtenção do primeiro emprego.

O prestígio da universidade oferece uma sinalização a respeito da qualidade do economista formado. Na ausência de informações confiáveis sobre as habilidades dos indivíduos, empregadores podem usar essa informação para auxiliar suas decisões de contratação. A sinalização no mercado de trabalho é preocupação constante na literatura que trata da assimetria de informação entre trabalhador e empresa. Martin (2019) apresenta revisão ampla da literatura sobre o tema, enquanto Baldo et al. (2019) apresenta modelo que considera assimetria de informação envolvendo a empresa, o trabalhador e eventuais terceiros envolvidos no processo de contratação.

Rivera (2015) faz um extenso estudo do papel da faculdade de origem dos profissionais no sucesso da carreira no caso americano, especialmente no momento do recrutamento. O seu argumento central é que os métodos de definição de mérito por parte dos recrutadores enviesam o processo seletivo dos melhores cargos e salários, privilegiando candidatos com *background* social privilegiado. Segundo a autora, esse processo cria uma forma de “teto de classe” (*class ceiling*) para os estudantes em termos de salários e tipos de trabalho, mesmo para egressos de universidades de elite. O estudo analisa como os recrutadores das empresas de elite no setor de serviços americano usam informações da faculdade cursada para tomar suas decisões. Interessantemente, encontra que os empregadores reconhecem que o prestígio da faculdade de origem é um indicador para qualidades cognitivas, culturais e morais dos candidatos, independentemente da sua performance efetiva no trabalho.

Carney (2011), a partir do estudo de Rivera (2011), conclui que parece que

as firmas de elite simplesmente usam o fato de (os candidatos) terem cursado Harvard, Yale, Princeton, Stanford e Wharton como uma *proxy* para inteligência. Estudo realizado pelo Wall Street Journal com pessoas empregadas nos Estados Unidos indica o grau de influência que a reputação da faculdade e os contatos feitos na época para o atual sucesso no emprego/carreira. A frequência de respondentes afirmando que a reputação e os contatos da faculdade foram ou “importantes” ou “muito importantes” variou entre 59% para Engenharia Ambiental e 57% para Engenharia Civil, decrescendo para 29% em História e 32% em Psicologia e Comunicação. Para Economistas, a frequência foi de 42%. Entre os respondentes dos questionários enviados no levantamento de informações que serve de base a este trabalho, 30,5% responderam “Sim” à pergunta: “A imagem e o prestígio da sua faculdade têm influência no nível salarial atual e a posição na hierarquia?”. Evidentemente, outras dimensões interferem no sucesso na carreira. Por exemplo, Curi & Menezes-Filho (2014) mostraram que o desempenho dos alunos nos exames de matemática de uma geração afeta o seu salário cinco anos depois, como uma elasticidade de 0,3. Ou seja, características pessoais são importantes na determinação do sucesso profissional, aspecto que foi incluído na pesquisa através da opinião dos respondentes ao questionário utilizado sobre sua performance, como aluno, em relação aos demais alunos da classe. Além disso, coletaram-se informações sobre o atraso escolar.

3 Base de dados

Em parceria com o Conselho Regional de Economia do Estado de São Paulo e a Ordem dos Economistas do Brasil, no primeiro semestre de 2013 foram enviados questionários eletrônicos a todos os economistas registrados no Corecon-SP, tendo-se obtido retorno de 633 deles ¹, egressos de 85 diferentes faculdades de economia. É com base nessa amostra de profissionais que se investigou a pergunta-chave do estudo.

O questionário abordou várias dimensões de interesse para a realização da pesquisa. Procuramos levantar informações que pudessem representar características pessoais dos respondentes, já que, além da qualidade da faculdade, talentos individuais são evidentemente importantes no sucesso profissional. Também procuramos caracterizar a preparação do aluno antes do vestibular, em termos das condições do estudo no ensino médio. Informações como idade e gênero foram também registradas. Detalhes são apresentados no apêndice: a Tabela A.1 lista as variáveis coletadas; a Tabela A.5 reproduz o questionário completo; as tabelas A.2 e A.3 apresentam as estatísticas descritivas das variáveis dependentes e dos controles, respectivamente.

Sobre o ensino médio, procurou-se captar informações sobre a escola cursada, sobre a qualidade do aluno e sobre o ambiente de estudo. Inicialmente, diferenciou-se a escola entre pública (49,5%) e privada, procurando-se controlar pela qualidade do ensino recebido. Sabidamente, as escolas públicas, em geral, situam-se em patamar inferior de qualidade, o que poderia comprometer o sucesso futuro na carreira ². Também se levantou se o aluno frequentou

¹Embora alguns poucos não tenham respondido a todas as questões formuladas.

²Dado que há na amostra economistas de várias gerações, tal afirmação deve ser considerada com cuidado. Ainda que seja válida para os anos recentes, sabe-se que no passado distante a situação era exatamente a oposta.

curso preparatório pré-vestibular (52,6%). Solicitou-se ainda que cada respondente oferecesse uma avaliação subjetiva sobre a qualidade da escola cursada nesse nível de ensino, em comparação com as demais disponíveis na época do curso, em escala com seis níveis, de “muito ruim” a “excelente” (as frequências de respostas para esses níveis foram: 0,6%; 3,3%; 10%; 34,1%; 36,3%; 15,7%, com concentração nos níveis 4 e 5). Trata-se de informação subjetiva, evidentemente, mas julgou-se relevante obter esse tipo de controle para melhor qualificar as conclusões sobre o prestígio da faculdade.

Passando para as características pessoais, solicitou-se auto avaliação de cada economista sobre sua qualidade como aluno no nível médio de ensino, em comparação aos demais alunos da sua classe, também em escala de um a seis (0%; 0,6%; 4,8%; 33,7%; 44,9%; 16%). Essa variável apresenta um controle fundamental sobre os talentos pessoais, pois mesmo alunos envolvidos em cursos de baixa qualidade podem superar essa deficiência a partir de suas qualidades próprias. As outras quatro variáveis nessa dimensão assumiram caráter dicotômico (sim x não): se o aluno estava na série correta para sua idade (82,3%), se passou no vestibular na primeira tentativa (79,5%), se entrou na faculdade (68,2%) e no curso (87,8%) que eram sua primeira opção. Para melhorar a caracterização do ambiente em que estudou, coletou-se informação sobre se o curso era noturno (50,5%) e se o aluno trabalhava simultaneamente (56,2%).

Sobre a faculdade cursada, coligiram-se informações sobre se era pública (49,5%) ou privada, na perspectiva de que, em geral, os melhores cursos estão nas universidades públicas, pelo menos no período abrangido pelo levantamento. Sobre o ambiente de estudo, também se procurou saber se o curso era noturno (50,5%), se o aluno trabalhava simultaneamente (56,2%), e se fez estágio (47,2%). Sobre as características pessoais do aluno, repetiu-se nesse nível de ensino a pergunta sobre sua auto avaliação como aluno, em relação aos demais alunos da classe (0%; 1,3%; 5,2%; 36,9%; 44,5%; 12,1%). Avaliou-se também se estava no semestre correto para sua idade (82,3%), e se utilizou recursos disponíveis fora da sala de aula, tais como biblioteca, palestras etc. (1,1%; 5,6%; 15,6%; 32,1%; 33,5%; 12,2%).

Sobre o prestígio da universidade, variável chave para o estudo aqui relatado, duas dimensões foram consideradas. Em primeiro lugar, solicitou-se uma avaliação subjetiva de cada respondente sobre o prestígio da universidade cursada, em escala de 1 (muito ruim) a 6 (excelente): 0,3%; 1,9%; 7,4%; 28,3%; 33,7%; 28,3%. Nota-se concentração das respostas nos três níveis superiores, com pouca frequência nos três primeiros níveis. Outra maneira de verificar o prestígio foi perguntar sobre a dificuldade de ingresso no curso, que pode ser entendido como um indicador do interesse que o curso despertava por ocasião do vestibular. Também em escala de um (fácil) a seis, as respostas foram: 1,4%; 4,8%; 17,6%; 35,8%; 28,6%; 11,8%. Sobre a entrada no mercado de trabalho, perguntou-se: “a imagem da sua faculdade facilitou a conquista do seu primeiro emprego?”. Foram obtidas as seguintes frequências de respostas na escala de um (não) a seis (muito): 12,1%; 10,5%; 18,4%; 20,5%; 20,8%; 17,7%. Adicionalmente, perguntou-se se “a imagem e o prestígio da faculdade têm influência no nível salarial atual e a posição na hierarquia?”, com respostas negativas para 69% dos respondentes.

Embora as duas maneiras de julgar o prestígio da faculdade cursada forneçam avaliações subjetivas, portanto sujeitas a todas as limitações inerentes a esse tipo de esforço, a dispersão dos resultados disposta na Figura 1 indica que

sobre os resultados, são evidentemente limitadas, pois ignoram a riqueza da diversidade presente nas várias respostas e nas suas combinações. Nesta seção descreve-se o exercício econométrico realizado para avaliar a importância de cada variável em particular, líquida dos efeitos das demais. Para avaliar se o prestígio da faculdade influencia o sucesso na carreira, foram estimadas regressões tendo o sucesso na carreira como variável dependente, e o prestígio da faculdade como variável independente. Para representar o prestígio da faculdade, adotou-se a média das duas variáveis coletadas: avaliação subjetiva e dificuldade de ingresso no vestibular. Foram também incluídos oito controles, para considerar as condições de estudo do aluno e suas habilidades pessoais, representadas pelas variáveis anteriormente descritas. Assim, estimaram-se funções do tipo:

Sucesso = f (Prestígio faculdade; Qualidade aluno; Condições estudo; Outros)

As variáveis dicotômicas (sim x não) transformaram-se em *dummies* 1 ou 0 e as variáveis de seis níveis foram codificadas em níveis de 1 a 6. Dado o formato categórico e ordinal das variáveis, utilizou-se nas estimações o método Logit Ordenado, como indicam Cameron & Trivedi (2005). Este método permite encontrar o efeito de cada variável independente a partir de cortes aplicados sobre as diferentes opções (1 a 6) das variáveis dependentes. Dessa forma, são estimados scores a partir de funções lineares das variáveis dependentes que definem a probabilidade de se obter i ($1 \leq i \leq 6$) mais os erros padrões u_j ($j = 1, \dots, 633$, número de indivíduos) em um intervalo entre os cortes k_i , segundo a função generalizada para o Logit Ordenado:

$$Pr(sucesso_j = i) = Pr(k_{i-1} < \beta_1 x_{1j} + \beta_2 x_{2j} + \dots + \beta_k x_{kj} + u_j \leq k_i)$$

Para cada variável x_k ($k = 1, \dots, 8$), a probabilidade de obter o resultado i é de $\beta_k + u_j \leq k_i$, ou, equivalentemente, $u_j \leq k_i - \beta_k$. A probabilidade do resultado ser i , dada a variável k , é $\frac{1}{1 + e^{-(k_i + \beta_k)}}$.

4.1 Resultados gerais

Considerando que o “Sucesso na Carreira” aparece na pesquisa em formas distintas, foram consideradas sete variáveis para representá-lo, tendo-se estimado igual número de regressões, cujos resultados constam da Tabela 1. Há três grupos de colunas, referentes aos distintos momentos da carreira: primeiro emprego; evolução na carreira e situação atual. Em cada grupo de colunas, há resultados para o nível salarial e para o cargo ocupado, havendo uma regressão adicional para a facilidade de obtenção do primeiro emprego.

A primeira linha destaca a variável de interesse deste trabalho, o prestígio da faculdade. Observa-se que seus coeficientes são sempre positivos e estatisticamente significantes³. Isso revela que o conceito da faculdade cursada parece afetar positivamente a carreira do economista nos seus vários estágios. A introdução dos controles anteriormente discutidos (segundo grupo de linhas) altera apenas marginalmente os valores estimados dos coeficientes, indicando

³Lembrando que os níveis citados vão de 1 a 6. Para a interpretação dos coeficientes, ver “Ordered Logistic Regression, Stata Annotated Output”, <https://stats.idre.ucla.edu/stata/output/ordered-logistic-regression/>

que seu papel é pequeno na explicação do sucesso na carreira. Percebe-se, pela evolução dos valores dos coeficientes, que a influência é menor na posição final do que na inicial. Ou seja, a influência do prestígio é particularmente importante no início da carreira. Ao longo do seu desenvolvimento, todavia, outras características pessoais parecem assumir papel mais relevante, embora não consigam eliminar a influência da faculdade de origem.

Esse resultado é compatível com a análise do processo de contratação de empresas a partir da Teoria da Informação Assimétrica. No início da carreira, os selecionadores têm pouca informação a respeito das qualidades do economista, usando o prestígio da faculdade cursada como referência mais importante. Conforme a carreira se desenvolve, os talentos são revelados de outras maneiras e outros indicadores podem ser utilizados, o que poderia explicar a menor influência do prestígio da faculdade nas etapas posteriores (Martin 2019, Porter 2019).

A outra variável com coeficientes positivos é a referente à qualidade do aluno durante a faculdade, que indica características pessoais específicas. Isso vale para os três momentos da carreira, inclusive para a facilidade em obter o primeiro emprego. Note-se que, como a unidade de medida as duas variáveis é a mesma, observa-se que a importância das qualidades pessoais chega a superar a influência do prestígio da faculdade. Porém, assim como para o indicador de prestígio anterior, o efeito dessas qualidades diminui com o evoluir da carreira, atingindo importância menor para definir salário e posição hierárquica finais, em comparação com as iniciais.

Assim, para mesmo nível de prestígio da faculdade e condições de estudo no ensino médio e na faculdade, assim como dos demais controles, as qualidades pessoais são positivamente influentes: alunos que se consideraram “melhores do que sua turma”, em média, obtiveram resultados melhores, inclusive na entrada no mercado de trabalho. Esse resultado mostra a importância de controlar pelas qualidades do aluno para avaliar o papel do Prestígio da Faculdade. Como alunos mais talentosos acessam as melhores faculdades, sua performance positiva é consequência também dos talentos que lhes propiciaram acesso a tais instituições de ensino. A introdução de controles para as qualidades pessoais durante o ensino médio e universitário ameniza esse problema de endogeneidade, sem evidentemente o eliminar. Feito esse controle, o Prestígio da Faculdade exerce influência positiva, influência essa que é maior para o nível do primeiro salário e para o primeiro cargo. Ou seja, para alunos de mesma qualidade e enfrentando as mesmas condições de estudo no ensino médio e na faculdade, estudar em faculdade de maior prestígio aumentou a probabilidade de obter o primeiro emprego e influenciou positivamente os níveis salariais e qualidade dos cargos ocupados.

Apenas os controles “tempo de formado” e “gênero” apresentaram significância estatística. Controlar pelo tempo de formado dos respondentes cumpre o papel de considerar gerações diferentes de maneira distinta, e essa variável apresentou influência positiva no nível salarial e no cargo nos três momentos considerados. Isto é, pessoas que ingressaram no mercado do trabalho anteriormente em relação ao grupo como um todo tiveram melhores resultados. A discriminação de gênero — que já aparece na própria constituição da amostra, com apenas 18% de mulheres — não parece ocorrer nos momentos iniciais da carreira, mas está presente — e de forma intensa — na sua evolução e nos cargos e salários finais. As demais variáveis de controle não apresentaram regularidades sistemáticas dignas de nota, sendo quase sempre não significantes

estatisticamente.

Considerando a dicotomia entre talentos pessoais e as condições oferecidas pelas faculdades, ambos têm papel importante na carreira do economista. Os resultados indicam que, se tomarmos alunos que tiveram as mesmas condições e oportunidades dos demais (mesmo tempo formado e gênero, cursado ensino médio nas mesmas escolas, ter ou não feito cursinho, ter ou não entrado no curso da primeira opção, ter ou não aproveitado os recursos da faculdade, ter ou não feito faculdade no período noturno, ter ou não trabalhado durante a faculdade, mesma idade e gênero, e cursado faculdade de igual nível), aqueles com talentos pessoais favoráveis em relação aos demais terão, em média, maior sucesso na carreira. Já tomando indivíduos com os mesmos talentos pessoais, também em igualdade das demais condições apontadas acima, suas possibilidades de sucesso na carreira serão tanto maiores quanto maior for o prestígio da faculdade cursada.

Tabela 1: Resultados gerais

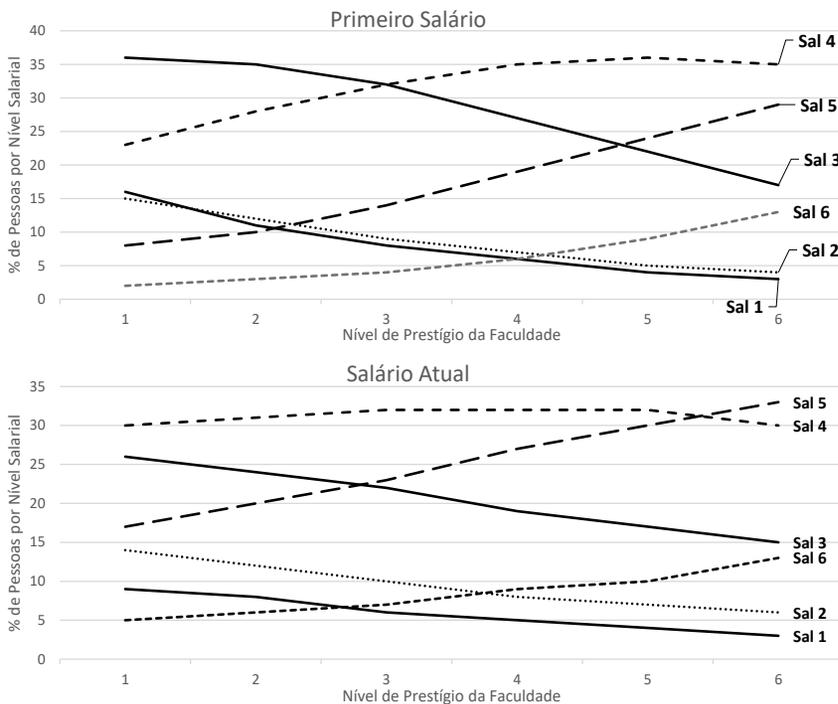
Variáveis	Primeiro emprego				Ascensão na carreira		Situação atual ¹	
	Facilidade	Salário	Cargo	Adequação	Salário	Cargo	Salário	Cargo
Prestígio na faculdade								
Sem controles	0,21*** (0,07)	0,38*** (0,07)	0,40*** (0,07)	0,26*** (0,07)	0,34*** (0,08)	0,25*** (0,08)	0,22*** (0,08)	0,25*** (0,08)
Com controles ²	0,21*** (0,09)	0,39*** (0,09)	0,40*** (0,10)	0,24*** (0,09)	0,36*** (0,10)	0,26*** (0,10)	0,21*** (0,09)	0,22*** (0,09)
Qualidade do aluno na faculdade	0,25** (0,12)	0,53*** (0,12)	0,55*** (0,12)	0,45*** (0,12)	0,40*** (0,12)	0,41*** (0,12)	0,24** (0,12)	0,34*** (0,12)

¹ Em 2013.

² Os resultados com todas as variáveis constam da Tabela A.4, no apêndice.

Conforme fica claro na descrição da metodologia, os coeficientes não devem ser interpretados linearmente. Assim, aqui detalhamos a análise para distintos níveis de prestígio da faculdade, restringindo o tratamento apenas para o nível salarial. A partir da especificação sem controles, destacamos a probabilidade de um economista auferindo nível salarial s ter cursado faculdade com nível de prestígio i , ou, dado que cursou uma faculdade de nível de prestígio i , qual a probabilidade de auferir o nível salarial s . Os resultados estão dispostos nos gráficos da Figura 2. Observa-se que, para ambos momentos da carreira, a frequência de economistas nos níveis salariais 1, 2 e 3 decresce com o prestígio da faculdade, enquanto os níveis salariais mais elevados são povoados por economistas formados por faculdades de níveis de prestígio elevado. Padrão de transição se observa no nível salarial 4, com frequência crescente até o nível de prestígio 4, mantendo-se constante nos dois níveis subsequentes de prestígio.

Figura 2: Prestígio da faculdade e níveis salariais



4.2 Análise para grupos específicos de faculdades

A análise da subseção anterior deixou claro que não se pode afirmar que o prestígio da faculdade f cursada não tem influência no sucesso do economista, notadamente nos estágios iniciais da carreira. Para destacar alguns grupos de faculdade em termos do sucesso de seus egressos, mudou-se ligeiramente o tratamento econométrico, substituindo-se a variável “Prestígio” por variável *dummy* para o grupo de interesse, de maneira que tal grupo será diferenciado dos demais em termos do sucesso na carreira de seus egressos (obtenção do

primeiro emprego, evolução e posição atual). Assim, estimaram-se equações do tipo:

$$\text{Sucesso} = f(\text{Prestígio faculdade; Qualidade aluno; Condições estudo; Outros; Faculdade}_f)$$

Quanto aos grupos de interesse, definiram-se os seguintes: Públicas Paulistas, Federais, FEA-USP, Particulares Paulistas e PUC-SP. Esses grupos foram definidos pela sua importância na formação econômica nacional e também pela disponibilidade de número suficiente de questionários na amostra. A dicotomia de performance pública-privada é bem conhecida em termos gerais, ainda que haja instituições privadas de excelência. Assim, é interessante avaliar se o sucesso dos egressos se diferencia entre esses tipos de instituição. Os resultados constam da Tabela 2, em que são apresentados apenas os coeficientes das variáveis dicotômicas que diferenciam cada grupo de instituição dos demais, destacando-se que essa diferenciação é sempre relativa ao restante das instituições. O grupo de comparação, portanto, varia de caso a caso. Por essa razão, a comparação entre grupos de instituições é limitada. Ademais, o cotejo desses coeficientes com os apresentados na Tabela 1 não é direta, uma vez que a variável "Prestígio" foi omitida agora. A interpretação dos coeficientes agora é a seguinte: ter cursado alguma faculdade pública resulta em um aumento de 0,41 na probabilidade de o economista estar em um nível superior de facilidade de emprego, em relação aos economistas que cursaram outro tipo de faculdade; no caso do salário inicial, o aumento na probabilidade é de 0,47. A mesma interpretação vale para os demais coeficientes estimados. Essa análise é feita na especificação sem controles, uma vez que a sua influência sobre os valores estimados dos coeficientes, como se mostrou anteriormente, é muito pequena.

Os resultados indicam que as universidades públicas paulistas têm coeficientes positivos e significantes para as *dummies* de primeiro emprego, nas quatro dimensões. Nesse grupo, destaca-se a FEA-USP, que se diferencia positivamente das demais instituições, demais instituições públicas incluídas. Portanto, não se pode dizer que essas instituições não afetam positivamente a empregabilidade do recém-formado, assim como o seu nível salarial, a importância do cargo e a adequação da atividade desenvolvida à formação recebida. Já as federais apresentam menor influência, restrita à facilidade de obter o primeiro emprego e o primeiro nível salarial, com níveis menores de significância. Quando se estima a regressão das públicas paulistas, o grupo de referência são todas as demais, que inclui as federais; já no caso das federais, a referência são todas as demais, incluindo as públicas paulistas. Assim, pode-se inferir que as instituições públicas paulistas têm papel mais importante do que as federais nessas quatro dimensões.

No tocante à ascensão na carreira, apenas a FEA-USP se diferencia positivamente, não se podendo afirmar que as federais e as demais públicas paulistas sejam significativamente distintas dos respectivos grupos de comparação nessa dimensão do sucesso profissional. O mesmo pode ser dito da situação na posição no momento da pesquisa, em que nenhum tipo de faculdade exerce qualquer influência⁴. Já o grupo de faculdades privadas e a PUC-SP não se diferenciam dos demais em nenhuma variável de sucesso na carreira. Mas é de

⁴Com exceção de um coeficiente positivo marginalmente significativo para as privadas paulistas.

se destacar que os seus coeficientes, ainda que estatisticamente não significantes⁵, têm sinal negativo nas três dimensões, sendo que as federais sequer chegam a se diferenciar estatisticamente das demais. Esses resultados qualificam aqueles apresentados na subseção anterior, ao destacar algumas instituições e grupos delas e apontar que os resultados anteriores não são homogêneos entre instituições. Para economistas com idêntica condição de estudo no colegial e na faculdade, mesmo gênero e tempo de formado, mesma performance em relação à média dos demais alunos etc., parece claro que algumas instituições favorecem mais o sucesso na carreira dos egressos do que outras.

⁵Também com uma exceção para a PUC-SP.

Tabela 2: Efeito diferencial de algumas faculdades no sucesso na carreira

Variáveis	Primeiro emprego				Ascensão na carreira		Situação atual ¹	
	Facilidade	Salário	Cargo	Adequação	Salário	Cargo	Salário	Cargo
Públicas paulistas	0,41** (0,17)	0,47*** (0,17)	0,35** (0,17)	0,46*** (0,17)	0,28 (0,17)	0,23 (0,17)	0,18 (0,17)	-0,03 (0,17)
Federais	0,34** (0,16)	0,31* (0,16)	0,23 (0,16)	0,07 (0,16)	0,03 (0,16)	0,005 (0,16)	-0,01 (0,16)	-0,22 (0,16)
FEA-USP	0,49** (0,21)	0,52** (0,20)	0,35* (0,20)	0,37* (0,21)	0,38* (0,20)	0,46** (0,20)	0,17 (0,20)	0,13 (0,20)
Particulares paulistas	-0,03 (0,16)	-0,006 (0,15)	0,24 (0,16)	-0,16 (0,16)	0,07 (0,16)	0,03 (0,16)	0,02 (0,15)	0,30* (0,16)
PUC-SP	-0,14 (0,24)	-0,08 (0,23)	-0,16 (0,23)	-0,30 (0,23)	-0,29 (0,23)	-0,42* (0,23)	-0,048 (0,23)	0,14 (0,23)

¹ Em 2013.

Especificação sem controles.

5 Conclusões

Procuramos neste trabalho avaliar se o prestígio da faculdade cursada por economistas influencia sua performance na carreira profissional. Utilizamos base de dados obtida pela aplicação de questionários a todos os economistas filiados ao Corecon-SP, que resultou em 633 casos válidos. Sucesso na carreira foi representado pelo nível salarial e posição hierárquica do cargo — em relação a profissionais em igualdade de condições com o respondente — em três momentos da carreira: obtenção do primeiro emprego, evolução ao longo da carreira e situação no momento da pesquisa (2013). O prestígio da faculdade foi representado pela média de duas variáveis subjetivas: a percepção do economista quanto ao prestígio da sua faculdade e quanto à dificuldade de ingresso no vestibular, ambas em escala categoria de 1 a 6.

Além de análise descritiva dos dados, estimamos modelo Logit Ordenado, dado que as variáveis são dicotômicas ou categóricas. Os resultados indicam que o prestígio da faculdade impacta positivamente o salário e o cargo de entrada no mercado de trabalho, assim como a evolução na carreira e a posição final — tanto em termos salariais quanto de qualidade do cargo ocupado —, mas que essa influência diminui ao longo da carreira. A outra dimensão importante de sucesso na carreira são as qualidades pessoais dos economistas (*Você, como aluno, em relação aos demais alunos da sua classe*, em escala 1 a 6). Concluimos que a importância das qualidades pessoais supera a influência do prestígio da faculdade, diminuindo também com o evoluir da carreira. Assim, para mesmo nível de prestígio da faculdade e condições de estudo no ensino médio e na faculdade, assim como os demais controles, as qualidades pessoais são positivamente influentes.

Considerando todos os controles, o Prestígio da Faculdade parece exercer influência positiva sobre a carreira dos economistas, influência essa que é maior para o nível do primeiro salário e para o primeiro cargo e que vai diminuindo ao longo da carreira. Essa conclusão, também encontrada em estudo similar feito para o Reino Unido (Klein 2021), é compatível com a análise do processo de contratação de pessoal por parte das empresas a partir da Teoria da Informação Assimétrica. No início da carreira, com pouca informação a respeito das qualidades do economista, o prestígio da faculdade cursada é utilizado como referência mais importante. Conforme a carreira se desenvolve, há outras maneiras para a revelação dos talentos e outros indicadores podem ser utilizados, reduzindo a influência do prestígio da faculdade.

Finalmente, analisou-se a questão do prestígio da faculdade de outra maneira, destacando instituições públicas de privadas, em as tradicionais faculdades FEA-USP e PUC-SP. Concluimos que, para alunos com idêntica condição de estudo no colegial e na faculdade, mesmo gênero e idade, mesma performance em relação à média dos demais alunos etc., algumas instituições favorecem mais o sucesso na carreira dos egressos do que outras. As instituições públicas como um todo estão neste grupo, notadamente as públicas paulistas, com destaque positivo para a FEA-USP. As privadas como grupo apresentam resultados negativos, porém não significantes.

Referências Bibliográficas

Almeida, A., Ramalho, H., S., E. & Silva, A. (2018). Análise da eficiência dos departamentos de Economia de Instituições de Ensino Superior no Brasil.

Economia Aplicada, Ribeirão Preto, v. 22, p. 109–140.

Baldo, C. M., Valle, R. & Olivas-Lujan, M. (2019). Executive recruitment triads from an agency theory perspective. Weatherford, *Administrative Issues Journal*, v. 9, p. 1–18.

Barros, R. & Grosner, D. M. S. C. (2014). As relações entre escolaridade e mercado de trabalho. Porto Alegre, *Revista Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico*, v. 6, p. 6–9.

Bartalotti, O. & Menezes-Filho, N. (2007). A relação entre o desempenho da carreira no mercado de trabalho e a escolha profissional dos jovens. *Economia Aplicada*, Ribeirão Preto, v. 11, p. 487–505.

Belfield, C., Britton, J., Buscha, F., Dearden, L., Dickson, M., Van Der Erve, L., Sibieta, L., Vignoles, A., Walker, I. & Zhu, Y. (2018). *The relative labour market returns to different degrees*. London: Institute for Fiscal Studies. Disponível em: <https://www.ifs.org.uk/publications/13036>.

Binelli, C., Meghir, C. & Menezes-Filho, N. (2008). *Education and Wages in Brazil*. London: Institute for Fiscal Studies. Disponível em: <https://www.voced.edu.au/content/ngv%3A16915>.

Brand, J. E. & Halaby, C. N. (2006). Regression and matching estimates of the effects of elite college attendance on educational and career achievement. *Social Science Research*, Amsterdam, v. 35, p. 749–770.

Cameron, A. C. & Trivedi, P. K. (2005). *Microeconometrics: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press.

Card, D. (2001). Estimating the Return to Schooling: Progress on Some Persistent Econometric Problems. *Econometrica*, New Haven, v. 69, p. 1127–1160.

Carney, J. (2011). *Why is Wall Street so addicted to prestige colleges?*. <http://www.cnn.com/id/41354100>.

Casari, P. (2006). *Retorno esperado e escolha profissional: Fatores associados à escolha da carreira dos alunos da Universidade de São Paulo*. Tese (Dissertação) — Universidade de São Paulo.

Costa, E. M., Ramos, F. S., Souza, H. R. & Sampaio, L. M. B. (2015). Dinâmica da eficiência produtiva das Instituições Federais de Ensino Superior. *Planejamento e Políticas Públicas*, Brasília, n. 44, p. 51–84.

Costa, E. M., Souza, H. R., Ramos, F. S. & Silva, J. L. M. (2012). Eficiência e desempenho no ensino superior: uma análise da fronteira de produção educacional das IFES brasileiras. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 415–440.

Costa, V. L. (2013). Construção e validação de uma escala de percepção de sucesso na carreira. *Revista de Carreiras e Pessoas*, São Paulo, v. 3, p. 2–19.

Curi, A. Z. & Menezes-Filho, N. (2014). The relationship between school performance and future wages in Brazil. *Economia*, Brasília, v. 15, p. 261–274.

- Dale, S. B. & Krueger, A. B. (2002). Estimating the Payoff to Attending a More Selective College: An Application of Selection on Observables and Unobservables. *Quarterly Journal of Economics*, Cambridge, v. 117, p. 1491–1528.
- Dale, S. B. & Krueger, A. B. (2014). Estimating the effects of college characteristics over the career using administrative earnings data. *Journal of Human Resources*, Madison, WI. v. 49, p. 323–358.
- Façanha, L. O. & Marinho, A. (2001). *As Instituições de Ensino Superior Governamentais e Particulares: Avaliação Comparativa de Eficiência*. Rio de Janeiro: IPEA. (Texto para discussão IPEA, n. 813).
- Klein, M. (2021). Who benefits from attending elite universities? Family background and graduates' career trajectories. *Research in Social Stratification and Mobility*, Amsterdam, v. 72, p. 1–11.
- Martin, C. (2019). The Case Against (Actually Existing) Higher Education: Human Capital, Educational Signalling, and Justice. *Journal for Research and Debate*, Zurich, v. 2, p. 1–5.
- Meghir, C. & Rivkin, S. (2011). Econometric Methods for Research in Education. In: Hanushek, E. A., Machin, S. Woessmann, L. (eds.) *Handbook of the Economics of Education*. Amsterdam: Elsevier, v. 3, p. 1–87.
- Murnane, R., Willett, J. & Levy, F. (2014). The growing importance of cognitive skill in wage determination. *Review Economics and Statistics*, Cambridge, v. 77, p. 251–266.
- Murphy, K. M. & Peltzman, S. (2004). School performance and the youth labor market. *Journal of Labor Economics*, Chicago, v. 22, p. 299–325.
- Neri, M. (2005). *O Retorno da Educação no Mercado de Trabalho*. Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais do IBRE-FGV e EPGE-FGV.
- Porter, A. M. (2019). *Physics PhDs Ten Years Later: Success Factors and Barriers in Career Paths. Results from the PhD Plus 10 Study*. College Park, MD: Statistical Research Center of American Institute of Physics.
- Rivera, L. (2011). Ivies, extracurriculares, and exclusion: Elite employers' use of educational credentials. *Research in Social Stratification and Mobility*, Amsterdam, v. 29, p. 71–90.
- Rivera, L. (2015). *Pedigree: How Elite Students Get Elite Jobs*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Sullivan, A., Parsons, S., Green, F., Wiggins, R. D. & Ploubidis, G. (2018). Elite universities, fields of study and top salaries: Which degree will make you rich?. *British Educational Research Journal*, v. 44, p. 663–680.
- Witteveen, D. & Attewell, P. (2017). The earnings payoff from attending a selective college. *Social Science Research*, v. 66, p. 154–169.

Tabela A.1: Variáveis consideradas

Durante o ensino médio			No período da faculdade			Prestígio da faculdade	Sucesso na carreira
Escola	Aluno	Ambiente	Escola	Aluno	Ambiente		
Pública (0–1)	Bom (1 a 6)	Noturno (0–1)	Pública (0–1)	Bom (1 a 6)	Noturno (0–1)	Opinião (1 a 6)	Facilidade 1º emprego (1 a 6)
Qualidade (1 a 6)	Atrasado (0–1)	Trabalhava (0–1)		Atrasado (0–1)	Trabalhava (0–1)	Dificuldade de ingresso (1 a 6)	Salário inicial (1 a 6)
Cursinho (0–1)	Primeira tentativa (0–1)			Usou recursos (1 a 6)	Estágio (0–1)	Nota do Enade	Cargo inicial (1 a 6)
	1ª opção faculdade (0–1)						Salário atual (1 a 6)
	Curso (0–1)						Cargo atual (1 a 6)
							Velocidade salário (1 a 6)
							Velocidade cargo (1 a 6)

Tabela A.2: Estatísticas descritivas - Variáveis dependentes

Variáveis	Máximo	Mínimo	Média	Desvio padrão
Painel A: Primeiro emprego				
Facilidade	6	1	4,25	1,53
Salário	6	1	3,94	1,21
Cargo	6	1	3,95	1,19
Adequação	6	1	3,74	1,35
Painel B: Ascensão na carreira				
Salário	6	1	4,23	1,14
Cargo	6	1	4,28	1,17
Adequação	6	1	4,11	1,26
Painel C: Situação atual				
Salário	6	1	4,00	1,25
Cargo	6	1	4,18	1,26

Tabela A.3: Estatísticas descritivas - Variáveis independentes

Variáveis	Máximo	Mínimo	Média	Desvio padrão
Painel A: Durante o ensino médio				
Qualidade do colégio	6	1	4,50	1,00
Qualidade do aluno	6	2	4,73	0,82
Período noturno	1	0	0,50	0,50
Trabalhava	1	0	0,55	0,49
Série correta	1	0	0,83	0,38
Colégio particular	1	0	0,51	0,50
1ª opção faculdade	1	0	0,68	0,46
1ª opção de curso	1	0	0,88	0,32
Fez cursinho	1	0	0,47	0,50
Passou de primeira no vestibular	1	0	0,78	0,41
Painel B: no período da faculdade				
Prestígio da faculdade	6	1	4,77	1,02
Qualidade do aluno	6	2	4,60	0,81
Usou recursos	1	0	0,77	0,42
Período noturno	1	0	0,25	0,43
Trabalhava	1	0	0,84	0,36
Semestre correto	1	0	0,77	0,42
Estagiou	1	0	0,50	0,50
Painel C: Outros				
Gênero	1	0	0,80	0,40
Tempo de formado	54	3	24,47	12,00

Tabela A.4: Resultados completos

Variáveis	Primeiro emprego				Ascensão na carreira		Situação atual	
	Facilidade	Salário	Cargo	Adequação	Salário	Cargo	Salário	Cargo
Prestígio da faculdade	0,21** (0,09)	0,40*** (0,09)	0,40*** (0,10)	0,24** (0,09)	0,36*** (0,10)	0,26*** (0,10)	0,21** (0,10)	0,22** (0,10)
Qualidade do colégio	0,11 (0,09)	0,12 (0,09)	0,17* (0,09)	0,22** (0,09)	0,17* (0,09)	0,14 (0,09)	0,19** (0,09)	0,12 (0,09)
Qualidade do aluno (colégio)	0,19 (0,12)	0,01 (0,12)	-0,19* (0,12)	-0,03 (0,12)	0,02 (0,11)	0,16 (0,11)	0,15 (0,11)	0,20* (0,11)
Cursou colégio no período diurno	-0,31 (0,27)	-0,30 (0,28)	-0,19 (0,29)	0,04 (0,29)	-0,07 (0,28)	-0,27 (0,28)	-0,03 (0,30)	0,20 (0,29)
Não trabalhou durante colégio	0,40 (0,27)	0,07 (0,28)	0,07 (0,29)	-0,24 (0,29)	0,02 (0,28)	0,09 (0,28)	-0,17 (0,29)	-0,16 (0,29)
Estava na série correta	0,02 (0,26)	0,09 (0,25)	-0,04 (0,26)	0,05 (0,26)	0,09 (0,25)	0,06 (0,25)	0,27 (0,25)	0,21 (0,26)
Fez colégio particular	0,09 (0,17)	-0,17 (0,17)	-0,05 (0,17)	-0,36** (0,17)	-0,12 (0,17)	-0,24 (0,17)	-0,13 (0,17)	-0,03 (0,17)
1ª opção faculdade	-0,16 (0,19)	0,14 (0,19)	-0,13 (0,19)	0,04 (0,19)	-0,09 (0,19)	-0,14 (0,19)	-0,05 (0,19)	-0,09 (0,19)
1ª opção curso	0,44* (0,29)	0,20 (0,28)	0,56** (0,28)	0,29 (0,26)	0,06 (0,26)	0,38 (0,26)	-0,04 (0,27)	0,33 (0,27)
Não fez cursinho	-0,11 (0,18)	-0,23 (0,18)	-0,22 (0,18)	-0,02 (0,18)	-0,02 (0,18)	-0,09 (0,18)	0,18 (0,17)	0,35** (0,18)
Vestibular na 1ª tentativa	0,23 (0,22)	-0,32 (0,21)	-0,18 (0,21)	-0,16 (0,21)	-0,11 (0,21)	0,10 (0,21)	0,29 (0,21)	-0,06 (0,22)
Qualidade do aluno (faculdade)	0,25** (0,12)	0,53*** (0,12)	0,55*** (0,12)	0,45*** (0,12)	0,40*** (0,12)	0,41*** (0,12)	0,24** (0,12)	0,34*** (0,12)
Tempo de formado	0,01* (0,007)	0,03*** (0,007)	0,03*** (0,008)	0,02*** (0,007)	0,02** (0,007)	0,03*** (0,007)	0,04*** (0,007)	0,04*** (0,008)
Gênero	0,30 (0,20)	0,30 (0,20)	0,30 (0,20)	0,46** (0,20)	0,66*** (0,20)	0,74*** (0,20)	0,70*** (0,20)	0,92*** (0,22)
Aproveitamento de recursos na faculdade	0,05 (0,21)	0,30 (0,21)	0,47** (0,21)	0,61*** (0,21)	0,21 (0,22)	-0,11 (0,22)	0,07 (0,22)	-0,24 (0,22)
Curso diurno	-0,01 (0,26)	0,01 (0,27)	0,08 (0,27)	0,17 (0,27)	0,37 (0,27)	0,57** (0,26)	0,30 (0,26)	0,41 (0,27)
Não trabalhou na faculdade	0,08 (0,30)	0,30 (0,30)	0,14 (0,31)	-0,34 (0,30)	-0,78** (0,31)	-0,83*** (0,30)	-0,10 (0,30)	-0,47 (0,30)
Estava no semestre correto	-0,26 (0,23)	-0,22 (0,22)	-0,25 (0,23)	-0,20 (0,23)	-0,14 (0,22)	-0,04 (0,23)	-0,08 (0,22)	-0,21 (0,23)
Estagiou	-0,29* (0,17)	-0,11 (0,18)	-0,10 (0,18)	-0,04 (0,17)	-0,05 (0,18)	-0,07 (0,17)	-0,09 (0,18)	0,03 (0,18)

Tabela A.5: Questionário

1. Avalie em uma escala de 1 (muito ruim) a 6 (excelente):						
	1	2	3	4	5	6
Qualidade do colégio onde cursou o segundo grau	0,6%	3,3%	10%	34,1%	36,3%	15,7%
Você, como aluno, em relação aos demais alunos da classe	0%	0,6%	4,8%	33,7%	44,9%	16%
2. Complementos:						
	Sim		Não			
Seu curso era noturno?	50,5%(313)		49,5%(307)			
Você trabalhava e estudava?	56,2%(348)		43,8%(271)			
Estava na série correta para sua idade?	82,3%(510)		17,7%(110)			
Era um colégio público?	49,4%(305)		50,6%(313)			
3. No vestibular:						
	Sim		Não			
Passou no vestibular na primeira tentativa?	79,5%(496)		20,5%(128)			
Entrou na faculdade que era sua primeira opção?	68,2%(426)		31,8%(199)			
Entrou no curso que era sua primeira opção?	87,8%(547)		12,2%(76)			
Fez cursinho?	52,6%(328)		47,4%(296)			
4. Avalie em uma escala de 1 (muito ruim) a 6 (excelente):						
	1	2	3	4	5	6
O prestígio de sua faculdade	0,3%	1,9%	7,4%	28,3%	33,7%	28,3%
A dificuldade para ingressar	1,4%	4,8%	17,6%	35,8%	28,6%	11,8%
Você, como aluno, em relação aos demais alunos da classe	0%	1,3%	5,2%	36,9%	44,5%	12,1%
Seu aproveitamento dos recursos disponíveis fora da sala de aula (biblioteca, palestras, etc.)	1,1%	5,6%	15,6%	32,1%	33,5%	12,2%
5. Complementos:						
	Sim		Não			
Seu curso era noturno?	75,4%(460)		24,6%(450)			

Tabela A.5: Questionário (continuação)

Você trabalhava e estudava?	85,1%(518)	14,9%(91)
Estava na série correta para sua idade?	79,9%(467)	23,1%(140)
Fez estágio?	47,1%(286)	52,9%(321)

6. Quantas graduações completou?

	Porcentagem de respostas	Contagem de respostas
Uma	75,6%	473
Duas	19,3%	121
Mais de duas	5,1%	32

7. Qual o mais recente grau educacional conquistado?

	Porcentagem de respostas	Contagem de respostas
Outra graduação	14,0%	86
MBA	31,5%	194
Mestrado	20,7%	127
Doutorado	4,7%	29
Nenhuma das opções	29,1%	179

8. Avalie em uma escala de 1 (pouco) a 6 (muito)

	1	2	3	4	5	6
A facilidade para encontrar seu primeiro emprego	8%	5,9%	14,6%	18,6%	27,3%	25,6%
O relacionamento do seu primeiro emprego com as matérias da faculdade	7,4%	10,4%	23,4%	29,8%	19,6%	9,5%
O nível do seu salário, em relação aos demais ingressantes no mercado da época	4,4%	5,5%	22,9%	35,6%	22,8%	8,8%
O nível do seu cargo, em relação aos demais ingressantes no mercado da época	4,3%	5,6%	22,3%	36%	24,1%	7,9%

Tabela A.5: Questionário (continuação)

A imagem da sua faculdade facilitou a conquista do seu primeiro emprego?	12,1%	10,5%	18,4%	20,5%	20,8%	17,7%
Os contatos da sua faculdade (colegas, professores, etc.) foram importantes para o ingresso no mercado de trabalho?	30,2%	18,1%	17,7%	13%	10,7%	10,3%
A realização do estágio foi importante para obter o primeiro emprego efetivo?	43,3%	9,7%	11,3%	11,3%	11,5%	12,8%

9. Avalie em uma escala de 1 (pouco) a 6 (muito)

	1	2	3	4	5	6
Sua velocidade de ascensão na carreira, em relação aos demais profissionais da sua área	3,4%	3,7%	17,8%	27,5%	35,4%	12,3%
Sua evolução salarial em relação aos demais profissionais da sua área	3,5%	3,5%	17,2%	31,7%	33,9%	10,1%
A proximidade de suas atividades com a formação obtida na faculdade	4,5%	9%	18,3%	24,5%	29,8%	13,9%
O grau de utilização do conteúdo aprendido em sua faculdade ao longo de sua carreira	4%	9,5%	16,6%	27,5%	27,7%	14,8%
Os contatos de sua faculdade (colegas, professores, etc.) foram importantes ao longo de sua carreira?	22,7%	20,5%	22,4%	13,1%	14%	7,3%
A imagem de sua faculdade foi importante ao longo de sua carreira?	14,2%	11,3%	18,1%	19,2%	21%	16,2%

10. Avalie em uma escala de 1 (pouco) a 6 (muito):

	1	2	3	4	5	6
A proximidade do seu salário do topo da pirâmide salarial dos profissionais da sua área	4,6%	7%	17,3%	31,5%	29,4%	10,1%
A proximidade de sua posição organizacional em relação ao topo da pirâmide hierárquica de pessoas com a mesma profissão	5,2%	5,5%	14,5%	29,8%	33,1%	11,9%

11. Supervisiona o trabalho de outros como parte de seu ofício?

	Porcentagem de respostas	Contagem de respostas
Sim	59,6%	368

Tabela A.5: Questionário (continuação)

Não	17,8%	110
Somente em alguns casos	22,5%	139

12. A imagem e o prestígio da sua faculdade têm influência no nível salarial atual e a posição na hierarquia?

	Porcentagem de respostas	Contagem de respostas
Sim	30,6%	189
Não	69,4%	429
